

---

# Youtube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual

## Youtube and deafness: analysis of discourses produced by deaf people on virtual environment

## Youtube y sordera: análisis de los discursos de sordos en ambiente virtual

*Priscila S. V. Festa\**

*Ana Cristina Guarinello\*\**

*Ana Paula Berberian\*\*\**

### **Resumo**

Atualmente, o YouTube tem dominado o segmento de vídeos *online* no mundo, não sendo diferente no Brasil. Devido à visualidade do site, o YouTube pode ser encarado como uma possibilidade de expressão para o sujeito surdo, na medida em que possibilita o registro e a circulação de discursos produzidos em língua de sinais. O objetivo desta pesquisa foi analisar os discursos produzidos por surdos em vídeos postados no YouTube a respeito da cultura surda, aspectos de convivência na sociedade entre surdos e ouvintes e movimentos políticos. Como metodologia de análise utilizou-se a análise qualitativa em abordagem sócio-histórica. A pesquisa nos ofereceu dados e condições para considerar que a ferramenta YouTube proporciona ao sujeito surdo um novo espaço interativo em sua produção discursiva pelo estabelecimento de interações. À luz da teoria da linguagem de Bakhtin, foi possível identificar as vozes sociais presentes nos discursos dos surdos, assim como os movimentos de alteridade, dialogia, enunciação, heteroglossia e responsividade. Mediante esta pesquisa, foi possível concluir que, através do YouTube, os surdos conseguiram estabelecer motivos para uma valorização do “ser surdo”, o que representa uma possibilidade de reconstrução de um novo olhar sobre a surdez por meio da língua de sinais.

**Palavras-chave:** surdez; youtube; linguagem; internet; comunicação

*\*Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti do Paraná; \*\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Paraná; \*\*\* Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Universidade Tuiuti do Paraná*

## Abstract

Currently, YouTube has dominated the segment of online videos in the world, and in Brazil it is no different. Due to the site's visibility, YouTube can be looked as a possibility of expression for a person that is deaf, as it allows discourses, made in sign language, to be registered. This study aimed to analyze discourses produced by deaf people and posted on YouTube regarding the themes of deaf culture, aspects of the living environment between hearing and deaf and political manifestations. The analysis methodology used was qualitative in a socio-historical approach. This study offered us data and conditions to consider YouTube as a tool to provide deaf people a new interactive space in their discursive production by establishing interaction. In light of Bakhtin's theory of language, it was possible to identify the social voices present in the discourses as well as the change in otherness, dialogic, enunciation, heteroglossy and responsiveness. With this study, it was possible to conclude that, through YouTube deaf people were able to establish a reason to value the "being deaf", which represent the possibility of reconstructing, through sign language, a new view about deafness.

**Keywords:** deafness, youtube, language; internet; communication

## Resumen

Actualmente, YouTube está dominando el segmento de vídeo online en el mundo, no siendo diferente en Brasil. Debido a la visualidad del sitio, YouTube puede ser visto como una posibilidad de expresión para los sujetos sordos, por posibilitar el registro y la circulación de discursos producidos en la lengua de señales. El objetivo de esta investigación fue analizar los discursos producidos por personas sordas en videos publicados en YouTube, sobre la cultura de los sordos, aspectos de la convivencia en la sociedad entre personas sordas y oyentes y movimientos políticos. Como metodología se utilizó el análisis cualitativa con enfoque sócio-histórico. La investigación nos ofreció datos y condiciones para considerar que la herramienta YouTube ofrece al sujeto sordo un nuevo espacio interactivo para su producción discursiva, por el establecimiento de interacciones. A la luz de la teoría del lenguaje de Bakhtin, fue posible identificar las voces sociales presentes en los discursos de las personas sordas, así como los movimientos de la alteridad, dialogismo, enunciación, heteroglosia y responsividad. A través de esta investigación fue posible concluir que, por medio de YouTube, los sordos pudieron establecer motivos para la valorización del "ser sordo", lo que representa una la posibilidad de construir una nueva mirada sobre la sordera por medio de la lengua de señales.

**Palabras Clave:** Sordera; Youtube; Lenguaje, Internet, Comunicación.

## Introdução

A internet, associada à grande rede mundial dos computadores, pode ser considerada a descoberta do século XX. Para Garbin<sup>1</sup> essa rede, além de propiciar trocas, busca de informações e de interações pessoais, participa da formação da opinião pública, bem como, fomenta a produção de conhecimento, já que tem o poder de ampliar o acesso e compartilhar conteúdos digitais em escala mundial. A partir disso, as barreiras geográficas não possuem mais limites no ambiente virtual que passa a ser um espaço virtual desterritorializado<sup>2</sup>

Assim, as interações sociais foram potencializadas pelas tecnologias digitais e mostram-se cada vez mais amplas por meio das ferramentas de comunicação mediadas por computador (chats, e-mails, fóruns de discussão), o que resulta na multiplicidade de dinâmicas discursivas que possibilitam o uso da linguagem<sup>3</sup>.

A comunicação mediada pelo computador é também popular entre os sujeitos surdos que usam seus computadores para os mesmos fins que as pessoas ouvintes, ou seja, para mandar e-mail, participar de chats, navegar na Web, entre outras atividades. Através dos computadores

os surdos tem acesso a um mundo mais amplo. Como consequência desse uso, muitos surdos têm desenvolvido seus próprios sites, elaborando espaços virtuais para conversas (chats) específicas para surdos, além de formar networks para anúncios de serviços e produtos para essa população. Enfim, o uso da internet por surdos fortalece as conexões entre surdos e surdos, desenvolvendo novas formas de comunicação e contato<sup>4</sup>.

Evidenciando a importância que temáticas acerca da surdez e da internet tem assumido internacionalmente ressaltamos estudo de Power<sup>5</sup> que realizou uma busca do termo surdez no site Google, em inglês, a fim de verificar quais seriam as referências mais utilizadas a respeito dos sujeitos surdos na internet. Como resultado, verificou que o termo depreciativo surdo-mudo tem sido pouco utilizado, já o termo surdo, enquanto significado cultural, aparece com maior recorrência. O autor afirma, no entanto, que algumas referências à surdez, quando usadas metaforicamente no google, apresentaram conotações negativas.

Luetke<sup>6</sup>, em seu trabalho, demonstra que algumas universidades nos Estados Unidos têm utilizado a Web como meio de formação de professores para surdos, tais como, a educação à distância como uma maneira dos surdos e ouvintes aprenderem a respeito da surdez. Da mesma forma, Slike, Berman, Travis e Bosch<sup>7</sup> em sua pesquisa vem explorando cada vez mais o uso da tecnologia para ministrar cursos on-line para alunos surdos e ouvintes universitários.

A Web está transformando-se, também, em uma ferramenta na difusão da língua de sinais. Segundo Buisson<sup>8</sup>, nos Estados Unidos, pesquisas apontam que nas aulas on-line de ensino de ASL, os alunos tem melhorado sua aprendizagem com relação à gramática da língua (melhoria de 39% a 71%). Dessa forma, conclui que as aulas on-line podem oferecer meios para que os alunos desenvolvam mais facilmente habilidades em ASL, auxiliando na formação de professores na educação de surdos.

Os pesquisadores Fajardo, Arfé, Benedetti & Altoé<sup>9</sup> relatam que muitas vezes os alunos surdos demonstram dificuldades com relação à leitura e ao acesso de informações em livros. Nesse sentido, as tecnologias e meios de comunicação têm auxiliado na superação de dificuldades e acabam por tornar parte integrante do ambiente educacional para alunos surdos. Essa abordagem tem trazido

resultados porque a linguagem na Internet é, em sua maioria, baseada em informações verbais e visuais, sendo que essas ferramentas são úteis e poderosas para os estudantes surdos. Esses mesmos autores relatam que os recursos visuais utilizados na internet são meios importantes para o acesso aos conhecimentos e desenvolvimento de competências de letramento.

Como o acesso à Internet tem aumentado cada vez mais, alguns auxílios específicos para surdos têm sido desenvolvidos. Sabe-se que surdos sinalizadores utilizam estratégias visuais de correspondência para buscas na Internet mais do que uma abordagem semântica para tomar decisões sobre navegação<sup>9</sup>. Vídeos em língua de sinais podem auxiliar na eficácia da navegação de buscas por surdos sinalizadores, ou seja, quando os sites possuem tradução em língua de sinais e não apenas textos, os surdos usuários de língua de sinais tornam-se menos desorientados em suas buscas<sup>10</sup>.

No Brasil, a internet tem sido discutida na área da surdez desde a década de 90. Vários autores<sup>2, 11, 12, 13</sup> vêm abordando questões referentes à relação da surdez com a comunicação via internet.

Arcoverde<sup>2</sup> considera que a internet e “as novas tecnologias valorizam as interações verbais e inscrevem surdos e ouvintes, interlocutores plurilíngues, em um novo espaço de interação social” (p.251). A autora analisou o sujeito surdo que, constituído nas e pelas relações dialógicas com o discurso da maioria dominante ouvinte, trazia consigo conceitos de incapacidade e deficiência, os quais foram historicamente construídos pelo olhar do outro. Relata que a internet proporcionou um novo espaço de interação social, sem rótulos nem estigmas, pois todos participam de uma grande comunidade virtual que não necessita de identificação. Além disso, valoriza as interações verbais em detrimento dos aspectos físicos e sociais, atribuindo assim uma função social da língua escrita para o surdo, ao permitir que esse sujeito possa utilizar sua língua natural para o pensamento e, ao mesmo tempo, fazer parte da comunidade letrada nacional por enunciar seus discursos em uma segunda língua (na modalidade escrita).

Outro estudo que pode trazer contribuições sobre a possibilidade de expressão do surdo através da internet foi realizado por Garcez e Maia<sup>12</sup>. O objetivo desse trabalho foi investigar as oportunidades de expressão que a internet oferece

para grupos minoritários e marginalizados e, para isso, foram eleitos os surdos por os considerarem uma minoria linguística que foi estigmatizada e marginalizada no decorrer da história. Como material de análise, os autores utilizaram testemunhos de vida de surdos registrados por meio da linguagem escrita vinculados no fórum de discussão da comunidade “Surdos Oralizados” da rede social *Orkut* e no *site* da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo).

As autoras constataram que a utilização da internet para expressão de testemunhos dos surdos torna-se uma “ponte semântica” entre o objeto desconhecido pela sociedade (a cultura surda e suas especificidades linguísticas e legais) e a visibilidade do reconhecimento de uma minoria linguística, pois a internet “oferece múltiplas possibilidades para grupos discriminados promoverem uma redefinição da própria imagem pelos outros e por eles próprios, buscando gerar um novo entendimento simbolicamente compartilhado” (*id*, 2009, p. 87).

As autoras concluem que a internet amplia as oportunidades de comunicação e recursos “para que grupos e indivíduos que sofrem injustiças possam tornar visíveis interesses e aspirações de modo relativamente autônomo” (p.98), possibilita autonomia ao surdo para expressar-se sem intermediações, assim como permite grande visibilidade aos seus discursos, pois o alcance das informações disponibilizadas na internet ultrapassam as barreiras geográficas.

Dentre as várias ferramentas do ciberespaço, o YouTube tem sido considerado componente dos letramentos múltiplos, por apresentar uma relação interdependente entre as práticas sociais e o uso da tecnologia, sendo fonte de pesquisa de alguns autores<sup>14, 13</sup>.

Em pesquisa realizada em 2010, Schallenberger se propôs a identificar algumas expressões de comunidades surdas por meio do humor, por entender que o surdo encontra no humor uma forma de conhecimento de si e dos outros e de expressar suas significações a respeito de ser surdo. Devido ao foco na língua de sinais, sua pesquisa foi realizada no ambiente virtual, mais especificamente no YouTube.

*O YouTube pode ser uma plataforma para encontrar produções culturais em língua de sinais. No entanto é preciso delimitar esta análise já que este site possui diversas*

*possibilidades de inserção. Eu escolhi fazer uma investigação utilizando os vídeos humorísticos de surdos como artefatos culturais, privilegiando os vídeos produzidos em língua de sinais (p.20).*

Para encontrar os vídeos, o autor utilizou o sistema de busca do site através das seguintes palavras: “humor surdo”, “piadas de surdos”, “*deaf jokes*” (piadas de surdos), “*deaf humor*” (humor surdo). Foram eleitos vinte vídeos (coletados entre março de 2008 e abril de 2010), todos realizados em língua de sinais. A proposta da pesquisa foi descrever e analisar as produções culturais dos surdos, especificamente as produções humorísticas em língua de sinais, de modo a identificar como os surdos registram suas produções nessa língua no YouTube.

Embora o foco de sua pesquisa fossem as piadas produzidas pela comunidade surda, o autor apresenta reflexões a respeito do YouTube enquanto meio de divulgação da cultura surda, uma vez que permite a utilização da maior expressão do sujeito surdo: a língua de sinais.

Por meio da análise, o autor constatou que os ouvintes registram suas piadas e crônicas em livros, jornais, programas de televisão, cinema, teatro e internet, ou seja, as línguas faladas possuem a escrita como suporte para o registro e armazenamento de memórias e ideias. Porém, os surdos possuem certas limitações para propagar suas produções culturais, pois só podem registrá-las por meio de SignWriting<sup>1</sup> ou de vídeos. Com o desenvolvimento tecnológico, as memórias da cultura surda tiveram a possibilidade de serem vinculadas em novas formas visuais de registros, favorecendo a publicação e divulgação de conteúdo cultural em língua de sinais.

Tendo em vista que a internet se apresenta como um caminho possível para que os surdos se comuniquem, troquem ideias, façam parte de comunidades virtuais e que o YouTube é uma nova possibilidade para circulação de discursos realizados pela língua de sinais, esse trabalho visa analisar os discursos produzidos por surdos brasileiros no Youtube a respeito da surdez.

Diante das considerações abordadas acima, que evidenciam a internet como um recurso profícuo para as interações de sujeitos surdos, essa pesquisa apresenta como objetivo a análise dos discursos de surdos vinculados no YouTube a respeito da surdez.

## Metodologia

A metodologia deste trabalho é caracterizada pela pesquisa qualitativa em abordagem sócio-histórica, a partir da análise dos discursos sobre a surdez realizados por surdos no YouTube. A partir dessa delimitação, procurou-se levantar os dados (vídeos) para a pesquisa no site YouTube. Os vídeos foram selecionados por meio de três critérios: 1) vídeos relacionados com a palavra-chave “surdez”; 2) vídeos “brasileiros”; 3) vídeos “mais exibidos”, ou seja, organizados de acordo com o número de exibições (do mais visto ao menos visto). A coleta dos vídeos ocorreu em novembro de 2010 e a amostra foi composta por vídeos postados no site entre 2006 e 2010.

No primeiro levantamento, foram obtidos 759 vídeos, dos quais foram eleitos para a presente pesquisa uma amostragem dos 200 mais visualizados. Porém, nem todos os vídeos apresentavam o sujeito surdo discorrendo diretamente sobre temas relacionados à surdez.

Como o objetivo da presente pesquisa buscava a análise de discursos de sujeitos surdos a respeito da surdez, foram selecionados 25 vídeos que abrangiam esse critério. Desse modo, após a coleta e classificação dos vídeos, partiu-se para sua análise. Para tanto, a título de ilustração, serão explicitados alguns enunciados presentes nos vídeos selecionados como mais significativos. Ressalte-se que nessa amostra de 25 vídeos, todos possuem discursos realizados em Libras e alguns apresentam, concomitantemente, a tradução para o português (de modo oral ou por meio de legendas). Dessa forma, a análise será realizada a partir de trechos dos vídeos eleitos de duas maneiras: 1) nos vídeos em Libras com tradução para português: o conteúdo será transcrito conforme a tradução na língua portuguesa já apresentada no próprio vídeo; 2) vídeos em Libras sem tradução: a pesquisadora realizou a tradução da Libras para o português escrito, visto ser ela tradutora/intérprete de Libras/Língua Portuguesa<sup>2</sup>.

Durante a análise, serão apresentados os vídeos mais expressivos a respeito da surdez. Nessas condições, a análise dos dados consistirá em momentos descritivos e interpretativos e, para isso,

utilizaremos como ancoragem teórica a perspectiva sócio-histórica baseada nos estudos de Bakhtin e de outros autores.

## Resultados

Um dos temas recorrentes apontados por surdos no Youtube é a cultura surda. Nas amostras abaixo, percebe-se como os surdos vêm explicitando suas opiniões sobre esse tema.

### Vídeo 1 - "Entrevista com S1 parte 1" (Outubro/2008)

Nesse vídeo, encontramos uma reportagem realizada por uma rede de televisão com a atriz surda S1, surda oralizada, que faz bom uso do português oral e tem um intérprete de LIBRAS ao seu lado, pois seu irmão, que também é surdo, está na plateia. Ao ser questionada sobre o que é LIBRAS, ela diz:

*S1- Libras é a sigla de Língua Brasileira de Sinais, é uma grande vitória para a comunidade surda porque ela é uma língua até então, antes disso existiam vários termos, chamavam a gente de a surdinha, a mudinha, de gestos, mímica, não! É uma língua da comunidade surda.*

### Vídeo 2 - "Trabalho: Cultura & Identidade Surda"

No vídeo “Trabalho: Cultura & Identidade Surda”, encontramos um enunciado que também parece responder a uma arena de vozes constituídas no decorrer dos tempos.

*S2- Você sabia... na direção é possível o Surdo dirigir com atenção. Os ouvintes pensam que isso é uma prática proibida: Como podem dirigir se não ouvem, se são surdos, isso é proibido! Não!!! Antes a situação era pior, eram muitas proibições até hoje ser mais divulgado que o Surdo pode dirigir e ele sabe ter atenção, mas, como o ouvinte presta atenção, percebe com a audição, diferente dos surdos, é própria a percepção visual. Atento aos sinais dos faróis. O celular usamos para conversar falando, não é assim que o Surdo faz. O ouvinte conversa falando ao telefone. O Surdo se comunica através de mensagem de texto, enviando e recebendo mensagens. Outra “os surdos não*

<sup>1</sup> Este é um sistema de escrita utilizado para escrever a língua de sinais, sendo um fato histórico importante para os surdos, pois, em outros tempos, dizia-se que a língua de sinais era ágrafa<sup>13</sup>.





*conseguem emprego, não conseguem trabalhar!'. Conseguem sim! Vemos muitos deles em empresas, em administração, arquitetura, moda, estilo e em diversas áreas. O Surdo é batalhador, mais do que antes. Nisso temos uma diferença, lógico que existem diferenças na forma de trabalhar entre Surdos e ouvintes, somos diferentes. Mas somos todos iguais.*

### Vídeo 3 - "O que é I.P.I.?" (Agosto/2008)

Esse vídeo foi postado em língua de sinais com legenda em Português e mostra vários surdos explicando sobre a lei de isenção do I.P.I. (Imposto sobre produtos industrializados), em 1985. Essa isenção é direcionada a pessoas com deficiência na compra de carros 0 Km. Também, durante o vídeo, várias palavras de ordem, característica de movimentos políticos, são proferidas, como:

*S9 - Infelizmente, em 1985, quando saiu a lei de isenção do IPI na compra de carro 0 Km os deficientes físicos, visuais e mentais conseguiram, mas se esqueceram dos surdos. Mas todos os deficientes devem ter os mesmos direitos! Formamos um grupo de surdos para unidos trabalhar e lutar para termos esses direitos. Já temos algumas conquistas, vamos trocar informações, é uma luta de todos os surdos do Brasil. Não podemos esperar o governo, não somos folgados, temos que lutar pelos nossos direitos fazendo o governo se mexer para garantir nosso direito. Vocês de outros estados devem se reunir, devemos trocar informações constantemente, elas precisam ser feitas por todos os estados ao mesmo tempo. Lembre-se que a união faz a força. Vamos continuar enviando e-mails para os senadores, é o jeito deles lembrarem de nós. Nós somos 6 milhões de surdos, o Brasil precisa nos ouvir.*

### Vídeo 4 "IX - Ser Surdo no Cotidiano" (Junho/2010)

Nesse vídeo, S7 relata em língua de sinais (sem tradução para o português) duas situações pelas quais passou com ouvintes:

*S7 - Com os ouvintes sempre existe dificuldade de comunicação, óbvio, mas, se você escrever e mostrar para o surdo, ele irá ficar feliz, porque isso facilita a comunicação. Mas já aconteceu várias vezes de eu ir a algum estabelecimento e a pessoa que está lá começar a falar e eu pedir: Com licença,*

*você pode escrever por favor? E a pessoa fazer uma expressão de aborrecimento e escrever. Desse modo, eu percebo que os ouvintes não respeitam a pessoa surda, mas alguns ouvintes têm respeito, exemplo, o rapaz que me atendeu foi bem atencioso e paciente comigo. Você pode auxiliar o surdo, precisa só ter vontade. Se você não sabe Libras, pode escrever no papel. Se o surdo não entender, tente fazer expressões faciais, de maneira simpática, demonstrando assim educação. Se você ficar bravo, escrever de modo rude, o surdo vai perceber sua expressão facial. Então, é fácil auxiliar o surdo, escreva, sorria, apresente uma expressão facial alegre, porque o surdo sempre irá fazer esse contato visual e vai entender a mensagem.*

## Discussão

No vídeo 1 "Entrevista com S1 parte 1", percebe-se que, ao definir o significado da sigla Libras, S1 relaciona-o a outros termos utilizados para designar o surdo na sociedade como, "surdinha e mudinha". Dessa forma, quando fala do reconhecimento da língua de sinais, está intrínseco em seu enunciado, que a língua de sinais fez com que os surdos fossem reconhecidos como diferentes.

Ao responder sobre o que significa a língua de sinais, S1 utiliza um enunciado que demonstra o que Bakhtin<sup>15</sup> chama de força centrípeta, pois a autora centraliza seu pensamento, tenta controlar a multidão de discursos e dar a última palavra, afirmando que essa língua pertence à comunidade surda. Acrescenta, ainda, que, a partir do seu reconhecimento, essa comunidade pode enfim "livrar-se" dos estigmas que foram impostos aos surdos ao longo de sua história. Isso porque a língua de sinais, durante muito tempo, não foi considerada como língua. Em vista disso, passou por períodos de proibição de uso<sup>16</sup>. Além disso, vários movimentos históricos defendiam apenas o uso da língua oral, indo contra a diversidade crescente de dialetos e línguas que não utilizassem essa modalidade, como a língua de sinais.

Os termos "surdinha" e "mudinha" remetem a uma conotação negativa sobre a surdez, relacionando-a à incapacidade de comunicação e à piedade. A autora refere-se à surdez enquanto deficiência ao falar de momentos constrangedores

<sup>2</sup> Profissional tradutora-intérprete de Libras/Língua Portuguesa certificada pelo exame PROLIBRAS - MEC (Proficiência em Libras) no Ensino Superior.



de sua infância e das vozes que ali circulavam. Mas, quando faz menção à língua de sinais como um triunfo, uma vitória para a comunidade surda, ecoam as vozes sociais que consideram os surdos enquanto diferentes e não deficientes.

No vídeo 2 intitulado “Trabalho: Cultura & Identidade Surda” nos remete ao conceito de normal e patológico. O autor está demonstrando que ser surdo é normal, que os surdos podem ter uma vida produtiva, trabalhar, dirigir etc. Porém, como a surdez historicamente foi associada à falta de algo, os surdos foram também narrados enquanto impossibilitados. A sociedade, em geral, não considera os surdos como normais e estranha quando percebe que eles podem realizar de maneira autônoma atividades seculares ou até mais elaboradas. Ou seja, há o conceito de que ser surdo é ser limitado, pois como viver “normalmente” se está fora da norma?

A construção do modo de ver o mundo não é harmônica, estática nem passiva. Gerald<sup>17</sup> diz que, embora os interlocutores compartilhem algumas de suas crenças, estão sempre se reorganizando, através dos discursos e das “representações que fazem do mundo dos objetos, de suas relações e das relações dos homens com o mundo entre si” (p. 27). Os sujeitos não estão cristalizados, mas os processos interlocutivos acontecem de modo a modificar os sujeitos porque alteram o conjunto de informações de que cada um dispõe a propósito dos objetos e de fatos do mundo.

No entanto, de certa forma, a sociedade majoritariamente ouvinte busca uma cristalização, ou seja, uma padronização de seus indivíduos. Ao remeter essa concepção aos sujeitos surdos, nota-se que se espera deles a fala, sendo essa uma comunicação aceitável, um ideal a ser alcançado.

Também nota-se nesse vídeo essa padronização por parte dos próprios surdos, pois embora busquem sua identificação pela diferença (em utilizar outra língua e perceber o mundo por outro sentido diferente dos ouvintes), ainda assim expressam o desejo de serem iguais.

Segundo Kessler<sup>18</sup>, o conjunto de (im) possibilidades que, em geral, está associado à surdez é percebido como algo que traz limitações aos indivíduos por ela constituídos. A autora afirma que “a aceção de que o normal é falar, isto é, o normal é exercer as possibilidades de linguagem por meio de uma língua de modalidade oral, ligada ainda à noção da sociedade majoritária (ouvinte

e falante), está assentada na naturalização entre o ouvir e o falar, o que significa ter linguagem” (p.25).

Além disso, o ponto de vista clínico autoriza discursos com valorização negativa sobre a surdez, uma vez que ela é encarada como algo ruim, que deve ser minimizado.

Nesse vídeo, S2 está claramente respondendo a uma série de vozes sociais que foram construídas no decorrer do tempo sobre a surdez, como: “o surdo não pode dirigir pela falta da audição”; “o surdo não pode usar o celular pela falta de audição”; “o surdo não pode trabalhar pela falta de audição”. Essas proposições estão ancoradas na definição de que o surdo é deficiente, pois há um desvio, uma falha no corpo, a falta de um sentido ou até mesmo imperfeição<sup>19</sup>. Dentro dessa concepção, as pessoas surdas são deficientes e, por não ter a audição, são prejudicadas na sociedade e vivem à margem das possibilidades que os ouvintes têm.

A fala do surdo geralmente apresenta distorções, omissões e modulação vocal fixa, sendo rejeitada na sociedade. Por mais que o surdo esteja integrado à sociedade ouvinte – ouvindo (com o implante coclear), falando ou utilizando a língua de sinais – ele sempre será surdo e tratado como tal. Nesse sentido, a fala é considerada a língua legítima da sociedade.

Kessler<sup>18</sup> aponta que esse ideal da saúde está atrelado ao conceito do modelo cartesiano, que considera o corpo humano enquanto maquinário que necessita ser corrigido e “consertado” caso apresente algum defeito. Percebe-se que esse conceito consta nos discursos médicos, fazendo com que os surdos não sejam reconhecidos socialmente, visto que a fala é um dos fatores de ingresso legítimo na sociedade dita normal.

No vídeo, parece que S2 viveu algumas dessas situações e questionamentos, e coloca-se em frente a uma câmera para responder a esse conjunto de informações recebido da sociedade. Ele foi-se constituindo enquanto sujeito surdo, que tem possibilidades assim como os ouvintes, mas, de modo diferente, na medida em que interagiu com outros sujeitos surdos que partilhavam desse reconhecimento pela diferença. Dessa forma, sua consciência e conhecimento de mundo resultam como um produto desse processo<sup>17</sup>.

Os enunciados desse sujeito no YouTube, por meio da língua de sinais, demonstram a ação que ele quer fazer perante o outro, já que sua fala está

saturada de conteúdo axiológico e, por meio dela, o sujeito constrói suas experiências que, como já dito, instauram-se em um processo de significação e reflexão sobre a realidade.

No vídeo 3 “O que é I.P.I.?”, percebe-se que a crítica é de que os deficientes visuais, mentais e físicos foram contemplados, mas “se esqueceram dos surdos”.

Nesse momento, a palavra deficiente, tantas vezes rechaçada pela comunidade surda, devido à carga semiótica de incapacidade constituída historicamente, assume outra conotação nessa reivindicação da comunidade surda. Ao enunciarem que os deficientes visuais, mentais e físicos foram contemplados na isenção do I.P.I., “mas se esqueceram dos surdos”, acabam por englobar os surdos na categoria de deficientes que precisam ter seus direitos assegurados, ou seja, o signo ideológico “deficiente” traz índices de valores contraditórios.

Nesse vídeo, foi possível analisar que “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”<sup>15</sup>, transparecendo a multidão de fios ideológicos carregados de posição axiológica sobre o momento apropriado de se reconhecer como deficiente ou não.

Há pouco tempo, os surdos são reconhecidos enquanto uma minoria linguística. No Brasil, somente em 2002, por meio da Lei 10.436, a Libras foi oficializada. Até que a lei fosse aprovada, muitos movimentos políticos foram realizados no sentido de a comunidade surda apresentar-se perante a sociedade enquanto diferente e não deficiente. Portanto, uma característica desses movimentos é criar estratégias para garantir os espaços dos surdos na sociedade e assim procurar uma (re)significação social da surdez. Muitas vezes, o centro do “embate” são surdos *versus* ouvintes, como posto na frase “nós somos 6 milhões de surdos, o Brasil precisa nos ouvir”.

A enunciação (enquanto produto da fala) não pode ser considerada como individual no sentido estrito do termo, assim como não pode ser explicada a partir das condições psicofisiológicas apresentadas pelo sujeito falante, mas a enunciação é de natureza social<sup>15</sup>. Portanto, a militância da comunidade surda, que algumas vezes é encarada como agressiva, é proveniente de um meio social que ocupa na sociedade, sendo nesse espaço constituída como deficiente e sem direitos. Então,

os valores sociais contraditórios são confrontados na arena, ou seja, na palavra.

A forma como a sociedade encara os surdos, como deficientes, surdos-mudos, mudinhos, produz enunciados na comunidade surda que tentam responder às vozes sociais historicamente construídas sobre a surdez. Dessa forma, a enunciação proveniente dos surdos engajados em movimentos políticos foi constituída pelo conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística<sup>15</sup>.

Um vídeo com esse conteúdo, realizado em Libras, nos mostra que a linguagem não é morta, pois ela se refere ao mundo “e é por ela e nela que se pode detectar a construção histórica da cultura, dos sistemas de referências”<sup>17</sup>.

No vídeo 4 “IX - Ser Surdo no Cotidiano“, S7 narra um episódio no supermercado em que teve dificuldades de obter informações com ouvintes, e, em outra, conta que foi em um estabelecimento no qual o atendente, ao saber que ela era surda, preocupou-se em estabelecer a comunicação por meio da escrita. Ao final do vídeo, ela faz uma orientação aos ouvintes, sobre como estabelecer esse primeiro contato com os surdos.

Assistindo a esse vídeo, tem-se a impressão de que a autora o direciona aos ouvintes tentando convencê-los a mudar sua atitude perante o surdo. Porém, como o vídeo não foi traduzido para o português, provavelmente poucos ouvintes tenham acesso ao seu conteúdo. Considerando esse fato, à primeira vista, o vídeo parece ter um caráter de “desabafo” para amigos surdos sobre as dificuldades por que S7 passou em seu cotidiano. No entanto, ele tem a intenção de mostrar como deveria ser o tratamento para com os surdos.

Uma questão a ser pontuada é sobre o significado do bilinguismo: essa abordagem propõe a aprendizagem e a utilização de duas línguas, no contexto brasileiro a Libras e o Português. Assim, há compreensão de que o envolvimento na comunicação necessita ser dos dois sujeitos: surdo e ouvinte. Porém, como apresentado no vídeo, essa situação linguística nos parece algo unilateral e monolinguístico.

Faraco (p.21)<sup>20</sup> aponta que para Bakhtin que “o eu moral se percebe único, reconhece estar ocupando um lugar único que jamais foi ocupado por alguém e que não pode ser ocupado por nenhum outro”, logo, ao considerar que essas ações seriam suficientes para conversar com qualquer surdo,



a unicidade de cada sujeito acaba por esvair-se para dar lugar à normalização. No entanto, cada ser é singular, pois possui sua história, seu espaço que não poderá ser ocupado por nenhum outro. Ao perceber-se como um ser único dentro de sua própria existência, este sujeito não poderá ficar indiferente a sua unicidade, “ele é compelido a se posicionar, a responder a sua existência: não temos alibi para a existência” (id, 2009, p.21). Mesmo tendo a mesma condição orgânica (surdos e ouvintes) somos heterogêneos e únicos.

Outra questão: se o vídeo apresenta enunciados para os ouvintes, como “você pode auxiliar o surdo, precisa só ter vontade” ou ainda “se você ficar bravo e escrever de modo rude, o surdo vai perceber sua expressão facial”, que são indicações do bom trato social e de convivência com os surdos, como, sem tradução para o Português, o ouvinte pode adquirir esses conhecimentos? Será que o fato de “eu passei por isso e não me entenderam e agora não vou traduzir” tem relação com esse vídeo? São questões que podem ser elaboradas a partir do “não dito” nesse vídeo. Nesse contexto, os ouvintes reagem de forma discriminatória ao diferente, o que é denunciado pela expressão facial e atitudes não cordiais. Essa postura reflete a dificuldade que a sociedade, em geral, apresenta para aceitar as diferenças e para reconhecer esse sujeito como sua parte integrante. Faraco (2009)<sup>20</sup> relaciona essa não resposta social como a morte dialógica, pois todo enunciado espera uma resposta.

### Consideração finais

Embora o conceito de surdez tenha sido constituído por várias vozes sociais, parece que, por meio dos vídeos, os surdos brasileiros tentam unificar a ideia de que ser surdo é ter uma cultura visual expressa, principalmente, através da Libras. Provavelmente, devido à necessidade de afirmação perante a sociedade, os surdos brasileiros tendem a falar a respeito do que chamam de cultura surda.

Apesar da existência desse movimento em relação à Libras, sabemos que ela ainda não é amplamente divulgada no território brasileiro, o que pode representar uma limitação aos surdos em relação à exposição de suas ideias e opiniões nessa língua. Nesse caso, muitos deles optam por utilizar o português escrito. O problema é que, fazendo uso da língua portuguesa, o surdo pode encontrar dificuldades de expressão, tanto pelo

não conhecimento profundo dessa língua como, até mesmo, pela situação “embaraçosa” de querer se fazer entender lançando mão de uma língua em que, em geral, não é proficiente, o que pode frustrar seu objetivo de comunicação com os ouvintes.

Em razão dessas situações, o discurso poderá ficar reduzido ou, ainda, na pior das hipóteses, não ser compreendido. Já que a Libras é algo tão defendido pelos surdos enquanto cultura de sua comunidade, acreditamos que o não conhecimento dela por parte dos ouvintes tenha gerado boa parte dos vídeos que ao falar sobre a surdez referem-se às dificuldades de convivência entre surdos e ouvintes.

A análise dos vídeos nessa temática abordou a dificuldade de comunicação e de interação entre ouvintes e surdos, ora devido à diferença da língua utilizada, no sentido de os ouvintes não conhecerem a Libras, ora em razão dos estigmas que muitos ouvintes têm em relação aos surdos.

Os conceitos elaborados no decorrer da história a respeito da língua de sinais e do sujeito surdo acabaram por fazer parte da realidade dos surdos na sociedade atual. Um desses conceitos é relacionado à definição da língua de sinais que, no decorrer dos tempos, recebeu várias vozes, como ser resumida a gestos ou não ser considerada uma comunicação prestigiada na sociedade, visto que a maioria das pessoas são ouvintes e utilizam a língua oral.

Entretanto, além de já ter sido comprovado que a língua de sinais possui uma gramática, a análise dos vídeos evidenciou que ela é expressão “das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”<sup>15</sup>. Ademais, também é uma comunicação verbal e, assim, “implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia” (id, 1995, p.15).

Caso a Libras fosse realmente apenas gestos, como alguns proferem, esta pesquisa não poderia ter sido realizada. Portanto, uma das premissas utilizadas é a de que os surdos, ao utilizarem a língua de sinais, teriam o que dizer. Por meio dos sinais (suas palavras), foi possível identificar uma arena de vozes em miniatura, onde os valores sociais, muitas vezes de orientação contraditória, revelam-se como produto de interação viva das forças sociais (id., 1995).

Pode-se constatar que o YouTube despertou o interesse dos surdos, autores dos vídeos, em comunicar-se ao gravar suas narrativas em Libras.



Alguns vídeos foram legendados em português para que ouvintes pudessem tomar conhecimento de seu discurso. Esses vídeos auxiliam a difusão da Libras no contato com pessoas de outros locais, assim como podem despertar a conscientização sobre quem é o sujeito surdo. Nesse sentido, o vídeo é uma resposta à comunidade ouvinte e uma forma de elo com os surdos.

Por meio dos movimentos políticos, os surdos procuram confrontar os valores negativos e de exclusão constituídos há séculos, buscando assegurar seus direitos, formar comunidades surdas e garantir que a Libras seja respeitada. Por meio do Youtube, percebe-se que os surdos puderam produzir vídeos de cunho político em sua língua, tendo, inclusive a possibilidade de convidar outros sujeitos para partilhar da mesma causa. Assim, nossa pesquisa evidencia que o YouTube é meio de divulgação de ideias e discursos também para o sujeito surdo.

Este estudo também nos ofereceu dados e condições para considerar que a ferramenta YouTube proporciona ao sujeito surdo um novo espaço interativo em sua produção discursiva através do estabelecimento dessas interações que são decorrentes dos elos sociais criados em nossa sociedade. É na interação com o outro que absorvemos o conteúdo ideológico, é pelas percepções do outro, pela sua enunciação, que pensamos sobre o que ele disse e incluímos nossas impressões provenientes de outras interações.

O YouTube também pode ser tomado como espaço de interlocução<sup>17</sup>, que é entendido como lugar privilegiado para a produção de linguagem e de constituição de sujeitos. Foi possível concluir também que, por meio do YouTube, os surdos conseguiram estabelecer motivos para uma valorização do “ser surdo”, o que representa possibilidade de construção de um novo olhar sobre a surdez e a língua de sinais.

## REFERÊNCIAS

1. Garbin, E. *Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais*. Rev Bras Educ. 2003; (23):119-135.
2. Nicolaci-da-Costa, AM. *Sociabilidade virtual: Separando o joio do trigo*. Psic & Soc. 2005;17(2):50-7.
3. Arcoverde, R. *Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos*. Cad Cedes.2006; 26(69):251-267.

4. Power, M, Power, D, Horstmanshof, L. *Deaf People Communicating via SMS, TTY, Relay Service, Fax, and Computers in Australia* J Deaf Stud Deaf Educ. 2007;12(1):80-92.
5. Power, D. *Googling “Deaf”: Deafness in the World’s English-Language Press*. Am Ann Deaf. 2007;(5):513-8.
6. Luetke, B. *Evaluating Deaf Education Web-Based Course Work*. Am Ann Deaf. 2009;(1):62-70.
7. Slike, S, Berman, P, Kline, T, Rebilas, K, Bosch, E. *Providing Online Course Opportunities for Learners Who Are Deaf, Hard of Hearing, or Hearing*. Am Ann Deaf. 2008;153 (3):304-8.
8. Buisson, GJ. *Using Online Glossing Lessons for Accelerated Instruction in ASL for Preservice Deaf Education Majors*. Am Ann Deaf. 2007;(152):331-43.
9. Fajardo, I, Arfê, B, Benedetti, P, Altoé, G. *Hyperlink Format, Categorization Abilities and Memory Span as Contributors to Deaf Users Hypertext*. J Deaf Stud Deaf Educ. 2008;13(2):241-56.
10. Fajardo, I, Parra, E, Cañas, J. *Do Sign Language Videos Improve Web Navigation for Deaf Signer Users?*. J Deaf Stud Deaf Educ. 2010;15(3):242-62.
11. Freitas, LC. *A internet como fator de exclusão social dos surdos*. Rio de Janeiro: LSB Video; 2007.
12. Garcez, R.; Maia, R. *Lutas por reconhecimento dos surdos na internet: efeitos políticos do testemunho*. Rev Sociol Polit. 2009; 17(34):85-101.
13. Schallenberger, A. *Ciberhumor nas comunidades surdas [dissertação]*. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação; 2010.
14. Loureiro, LM. *Os arquivos globais de vídeo na internet: entre o efêmero e as novas perenidades. O caso YouTube*. Comunic Soc. 2007;12:163-172.
15. Bakhtin, M, Voloshinov, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC; 1995.
16. Lodi, AC. *Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos*. Educ Pesqui. 2005; 31(3):409-24.
17. Geraldi, JW. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
18. Kessler, TM. *A Surdez que se faz Ouvir: Sujeito, Língua, Sentido [tese]*. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria. Pós-Graduação em Letras. Área de concentração em Estudos Linguísticos; 2008.
19. Bisol, C.; Sperb, T. M. *Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido*. Psic Teor e Pesq. [online]. 2010; (26):07-13.
20. Faraco, CA. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 12ª ed. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.

Recebido em novembro 2012; Aprovado em março 2013

### Endereço para correspondência

Ana Cristina Guarinello  
Rua Alexandre Eduardo Klat, 66-2, Abranches, Curitiba/ PR,  
(41) 33546346.

Email: ana.guarinello@utp.br

